



Artista e trabalhador: as implicações políticas do artista moderno segundo Vincent van Gogh
Felipe Sevilhano Martinez – Doutorando em História da Arte na Unicamp

Esta comunicação pretende tratar da relação do pintor holandês Vincent van Gogh com o movimento trabalhador de seu tempo, e como sua a visão de artista, segundo a qual um artista deveria ter um comportamento próximo ao de um trabalhador manual, tanto em seus hábitos cotidianos quanto em sua autoconsciência, fundamenta tanto suas posições políticas quanto sua visão de arte.

As posições de van Gogh estão diretamente ligadas à situação do artista da segunda metade do século XIX. No mercado de arte de então, o artista é um produtor independente que produz uma mercadoria para a qual não há uma demanda garantida. De modo distinto dos mestres do passado que tinham nas encomendas a principal maneira de vender sua produção, ou seja, sua demanda garantida antes do processo produtivo, o artista moderno do final do século XIX é um produtor individual que enfrenta um sistema eminentemente incerto no qual suas condições de vida dependem, na maioria das vezes, de um intermediário, o marchand, que cria as condições de mercado adequadas para a venda de sua produção.

Em suas cartas, van Gogh percebe as condições de sua época com precisão, ao refletir sobre elas a partir da relação do artista, como produtor individual de uma mercadoria específica, e o mercado. Como solução para a crescente dependência dos artistas em relação aos marchands, van Gogh pensa possibilidades de sobrevivência coletiva entre os artistas, como cooperativas que também tornassem a arte acessível a um número maior de pessoas. Em um primeiro momento, quando ainda mora em Haia, concebe um ateliê coletivo de gravuras no qual artistas pudessem produzir em um equipamento comum e vendessem a produção a trabalhadores por um preço módico. Depois, em seu famoso projeto de estabelecer um ateliê coletivo em Arles, no sul da França, iniciado e fracassado com a presença de Paul Gauguin, procurar criar um sistema coletivo de produção e venda de obras de arte no qual os artistas pudessem dividir a renda gerada e se proteger da incerteza do mercado. Sua percepção do que deveria ser a arte moderna passa necessariamente sobre as condições políticas e econômicas nas quais os artistas estavam inseridos em seu tempo.

Assim, nosso objetivo é apresentar os principais pontos da íntima associação que van Gogh fazia entre o trabalhador e o artista, e de que maneira tal associação estava dentro de um projeto político no qual artistas, tal como trabalhadores, deveriam se unir para sobreviver às adversidades do ambiente capitalista eminentemente instável da segunda metade do século XIX. As concepções de van Gogh o aproximam de socialistas utópicos como Robert Owen, ainda que não estivessem imbuídas de ação política imediata. Daremos especial destaque ao estúdio do Sul, em Arles, e como seu fracasso significa não somente uma decepção pessoal para van Gogh, mas também a dissolução de sua visão de arte e artista.